

O mistério expresso em Ef 5,32: a relação entre Cristo e sua Igreja

The mystery expressed in Eph 5:32: The relationship between Christ and his Church

 Waldecir Gonzaga¹ e  Ronny Santos de Abreu²

Submetido em 25/08/2025

Aceito em 06/12/2025

RESUMO

“Cristo está sempre presente na sua Igreja” (SC 7). Esta afirmação sobre o mistério da união de Cristo e da Igreja, consagrada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), remete à teologia paulina, visto que as imagens eclesiológicas evocadas no número sete da *Sacrosanctum Concilium*, e que também aparecem no Capítulo I da *Lumen Gentium*, encontram fundamento bíblico em Ef 5,32. Unindo cristologia e eclesiologia, Ef 5,32 expressa a relação entre Cristo e sua Igreja, ilustrada pelas imagens do corpo e da esposa, nas quais Cristo é cabeça e esposo. A passagem apresenta tal relação como mistério, categoria bíblica que contém centralidade no pensamento de Paulo e que recentemente tornou-se objeto de interesse, devido à sua redescoberta no último Concílio. A correlação entre Cristo e sua Igreja tem origem no *mysterion* revelado plenamente por ele. Isso indica que a finalidade, a missão e a razão da própria existência da Igreja dependem dessa misteriosa relação. Neste sentido, teologicamente, o Vaticano II antecipou o III milênio fazendo um primoroso “retorno às fontes”. Ora, imbuído da teologia paulina do mistério, o Concílio apresentou a Igreja *aggiornata* para continuar sua missão no mundo, sempre relacionada à sua cabeça e esposo. O estudo oferece texto grego e tradução, análise do tema e conclui que, inspirada pelos seus antepassados na fé que, em meio às perseguições e tribulações, exprimiam a novidade do Evangelho de Cristo, a Igreja, em meio aos contratempos do mundo hodierno, continua sendo chamada a anunciar o *mysterion* revelado pelo seu cabeça e esposo: Cristo.

Palavras-chave: Paulo, Efésios, mistério, Cristo, Igreja.

- 1 Doutorado e Mestrado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Pós-Doutorado, pela FAJE e pela PUC-RS. Diretor e professor do Departamento de Teologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica. E-mail: waldecir@hotmail.com.
- 2 Mestre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Doutorando pela PUC-Rio. Docente de Teologia Sistemática do Seminário Maior São João XXIII de Porto Velho, Porto Velho, Brasil. E-mail: radsjk@yahoo.com.br.

ABSTRACT

“Christ is always present in his Church” (SC 7). This statement on the mystery of the union of Christ and the Church, consecrated by the Second Vatican Council, refers to Pauline theology, since the ecclesiological images evoked in number seven of Sacrosanctum Concilium, which also appear in Chapter I of Lumen Gentium, find their biblical foundation in Eph 5,32. Uniting Christology and ecclesiology, Ef 5,32 expresses the relationship between Christ and his Church, illustrated by the images of the body and the bride, in which Christ is the head and spouse. The passage presents this relationship as a mystery, a biblical central category of Paul’s thought and has recently become the object of interest due to its rediscovery at the last Council. The correlation between Christ and his Church originates in the *mystérion* fully revealed by him. So the purpose, mission, and reason for the existence of the Church depend on this mysterious relationship. Then, Vatican II anticipated the third millennium by making an exquisite “return to the sources”. Imbued with Pauline theology of mystery, it presented the Church *aggiornata* to continue its mission in the world, always related to its head and spouse. The study offers Greek text and translation, analysis of the theme, and concludes that, inspired by its ancestors in the faith who, amid persecutions and tribulations, expressed the newness of the Gospel of Christ, the Church, amid the setbacks of today’s world, still be called to proclaim the *mystérion* revealed by its head and spouse: Christ.

Keywords: Paul, Ephesians, mystery, Christ, Church.

1. Introdução

A comunhão é uma realidade primordial da natureza humana (Kasper, 1989, p. 284), um ensejo buscado e ao qual muitos se empenham para ser mantido. O próprio Deus revelou-se a si mesmo para convidar os homens à comunhão com ele (DV 2). Vale lembrar que toda comunhão exige uma “relação”. Esta, por sua vez, é discernida em diversos âmbitos dos saberes e tem grande importância para a reflexão teológica (Ciola, 2003, p. 651-653). Giraudo (2003, p. 27-61), por exemplo, ao abordar a finalidade da eucaristia na economia da salvação, enfatiza a queda do ser humano (Gn 3) como “ruptura da relação” com Deus, ao passo que descreve a salvação como “reestabelecimento desse vínculo relacional” que conduz à reconciliação com o Pai (Giraudo, 2003, p. 22).

Ora, o plano salvífico de Deus, realizado em Cristo, compreende a Igreja, continuadora da missão salvífica inaugurada pelo salvador. Em tal obra, a Igreja está direta e fundamentalmente relacionada a Cristo, seu esposo e cabeça. Em Ef 5,32, texto extraído do *corpus* paulino (Gonzaga, 2017, p. 19-41; 2019, p. 406-407; 2025, p. 41-60), essa relação, que constitui a razão da existência e missão da Igreja, é concebida como “mistério”, conceito central na teologia paulina e que também recebeu centralidade no Concílio Vaticano II. Considerando a teologia do mistério, o presente estudo se propõe a tratar da relação entre Cristo e sua Igreja expressa em Ef 5,32, propósito que une cristologia e eclesiologia. Para tanto, segue-se uma abordagem a partir de obras literárias que têm

buscado pautar-se por um foco interdisciplinar, possibilitando o diálogo e a construção entre os saberes e a vida eclesial.

2. O mistério de Cristo

“Em que sentido toda a vida de Cristo é mistério?” O compêndio do Catecismo da Igreja Católica responde a tal pergunta da seguinte forma:

Toda a vida de Cristo é acontecimento de revelação: o que é visível na vida terrena de Jesus conduz ao seu *mistério invisível*, sobretudo ao *mistério da sua filiação divina*: ‘quem me vê, vê o Pai’ (Jo 14,19). Além disso, embora a salvação provenha plenamente da cruz e da ressurreição, toda a vida de Cristo é *mistério de salvação*, porque tudo o que Jesus fez, disse e sofreu tinha como objetivo salvar o homem caído e restabelecê-lo na sua vocação de filho de Deus (CEC 101).

A concepção de “μυστήριον/mistério” centrada no evento Jesus Cristo, e que comporta sua Páscoa como ponto culminante da ação salvífica de Deus, foi discernida primeiramente por Paulo. O “apóstolo dos gentios” (Rm 11,13; 1Tm 2,7) (Gonzaga; Lima, 2023, p. 29-76) é o responsável pela introdução do termo no vocabulário cristão (Abreu, 2023, p. 208), porém vale lembrar que diversas compreensões de mistério ocorreram antes e após o cânon neotestamentário. Na língua portuguesa, por exemplo, o vocábulo exprime vários significados: algo que se deseja manter oculto ou escondido (segredo); aquilo que não se consegue esclarecer, entender e explicar; nas religiões cristãs: o que é assumido como verdade revelada por Deus, que deve ser conteúdo de fé, dogma (Academia Brasileira de Letras, 2008, p. 865). Tal amostra evidencia a complexidade do verbete, mas também expressa a natureza diversa do seu sentido.

O termo “μυστήριον/mistério”, de origem grega, é derivado da junção do verbo *mýo* (“fechar” a boca e/ou os olhos, “ficar em silêncio”) com o sufixo *térion* (“lugar” onde algo deve ser realizado, e/ou “realidade”). Logo, etimologicamente, mistério não tem sentido de “incompreensível”, mas quer dizer “ficar em silêncio diante de um lugar ou realidade”, em vista de um certo designio (Pereira, 2023, p. 5). De fato, “μυστήριον/mistério” remete à mudez, à surdez e à cegueira do ser humano diante do inefável (Bogaz; Hansen, 2015, p. 636). Apesar da origem do termo ser muito discutida, é seguro que ele é proveniente do conjunto de palavras do âmbito cultural (religioso), e posteriormente foi introduzido em outras áreas de conhecimento.

Em síntese, as principais aplicações de *mysterion* no mundo grego antigo foram: (a) *cultural*: designa as “religiões de mistérios” (*mysteria*), caracterizadas pelos “cultos místéricos” (Deméter, Perséfone, Dionísio, Attis, Mitra etc.) que prometiam salvação aos iniciados, aos quais era imposta a lei do silêncio; (b) *filosófica*: designa a via de conhecimento do ser, a verdade oculta a ser alcançada por meio da realidade simbólica que compõe o universo fenomênico; a filosofia de Platão assumiu o termo, mas deixou de lado sua conotação religiosa para dar-lhe uma significação gnosiológico-ontológica; (c) *gnóstica*: designa o conhecimento revelado pela divindade, que é eficaz para tornar o homem decaído do mundo material em um homem espiritual; além do termo, o gnosticismo também se apropriou da religiosidade antiga, porém diferenciava-se das religiões

ões de mistérios por não dar centralidade aos rituais e sim ao conhecimento dos mitos fundantes, portanto sua ênfase também era gnosiológica, idêntica à filosofia platônica (Bornkamm, 1974, p. 808-810).

O termo “μυστήριον/mistério” foi introduzido no mundo bíblico por meio dos livros tardios do Antigo Testamento, no período helenista, sejam aqueles escritos diretamente em grego (Tobias, Judite, Sabedoria e 2 Macabeus), sejam aqueles traduzidos para o grego (Eclesiástico e Daniel) (Derrey, 2004, p. 1157). Nas traduções veterotestamentárias para o grego, vale a pena considerar algumas peculiaridades: a *Septuaginta* (LXX) (Rahlf's; Hanhart, 2006) traduziu o termo aramaico *rāz* por *mystérion*; o mesmo fez Teodócio com o termo hebraico *sôd*, que é o equivalente a *rāz*, em Sl 24,14; Pr 20,19; Jó 15,8; e Símaco, tal como Teodócio, fez o mesmo em Pr 11,13 (Fabry, 1974, p. 171-178; Imschoot, 2004, p. 996-999).

Portanto, na teologia do Antigo Testamento, há uma correlação entre *sôd*, *rāz* e *mystérion*. Uma interessante aplicação de *sôd*, por exemplo, encontra-se em Am 3,7: Deus não faz nada sem antes revelar sua *sôd* (plano salvífico) para os profetas. Quanto ao uso de *rāz*, a nota de rodapé (e) da Bíblia de Jerusalém (2003, p. 1553-1554) afirma que o termo é encontrado somente em Daniel, como também é empregado nos textos extrabíblicos de Qumran, com a significação de segredo ou enigma, contudo parece já adiantar o sentido de “μυστήριον/mistério” em Paulo.

Dentre os variados usos do termo grego na LXX, algumas passagens veterotestamentárias merecem ser consideradas: (a) Sb 6,22: “μυστήριον/mistério” indica a origem e a natureza da sabedoria, cuja revelação é aberta a todos, pois não há ligação com ritos secretos; tal revelação não é fruto do esforço humano, mas um dom de Deus àqueles que o invocam (Adriano, 2003, p. 17); a sabedoria é a causa da imortalidade (Sb 8,13); (b) Dn 2,14-49: “μυστήριον/mistério” assume um realce mais teológico com o sentido de segredo escatológico ou anúncio de eventos estabelecidos por Deus para o futuro; utilizando o gênero apocalíptico, o sonho de Daniel expressa que: Deus é o revelador do mistério (2,47), tal revelação implica uma linguagem de sinais que expressa a sabedoria que vem do alto (2,28-29), e o mistério revelado torna-se conhecido através de seus representantes (2,19.30.47) (Adriano, 2003, p. 17).

No Novo Testamento, “μυστήριον/mistério” aparece nos sinóticos, na literatura paulina e no Apocalipse. O termo grego é encontrado uma única vez em Mc 4,11 e o seu plural (*mystéria*) aparece em Mt 13,11 e Lc 8,10. Nos três casos, as passagens abordam a explicação de Jesus sobre o uso de parábolas. Aos discípulos foi dado o conhecimento do *mystérion* ou dos *mystéria* do Reino de Deus: esse “μυστήριον/mistério” é a presença de Cristo, o Filho de Deus, no meio dos homens. Nos sinóticos, portanto, o *mystérion* é o próprio Cristo no qual são inaugurados os tempos messiânicos e escatológicos, e os *mystéria* são suas palavras e ações que tornam o Reino de Deus presente no hoje histórico-salvífico (Bornkamm, 1974, p. 817-819; Schultze, 1977, p. 57-58).

No livro do Apocalipse, “μυστήριον/mistério” aparece ligado à apocalíptica veterotestamentária e é sempre encontrado em perspectiva escatológica (Ap 1,20; 10,7; 17,5.7): o plano de Deus é revelado por visão, através de um anjo enviado; o conteúdo do plano é a ação salvífica de Deus e a precisa correspondência a ela por parte dos fiéis; aos homens do tempo presente, a ação salvífica concede o conhecimento de algo do futuro: a presença plena e consumadora de Cristo, Senhor do tempo e da história (Bornkamm, 1974, p. 823-824).

Todavia, a mais profícua expressão bíblica de “μυστήριον/mistério” encontra-se no epistolário paulino, no qual o termo grego aparece 22 vezes (Rm 11,25; 16,25-26; 1Cor 2,17; 4,1; 13,2; 14,2; 15,51; 2Ts 2,7; Cl 1,26-27; 2,2; 4,3; Ef 1,9; 3,3-4,9; 5,32; 6,9; 1Tm 3,9,16) (De Gruyter, 1987, p. 1279-1281), isto é: 9 vezes em duas cartas protopaulinas (Rm e 1Cor), 11 vezes nas três cartas deuteropaulinas (2Ts, Cl e Ef) e 2 vezes em uma das cartas pastorais (1Tm). A centralidade do termo no pensamento do apóstolo possui um ambiente teológico singular: a formação cristã de Paulo foi delineada num contexto escatológico, visto que as primeiras comunidades cristãs esperavam a parusia com certa pressa.

A harmonização da esperança com os temas da apocalíptica do livro de Daniel desdobrou-se na compreensão do plano salvífico de Deus centrado em Jesus Cristo, ou seja, Paulo une a apocalíptica de Daniel com o querigma cristão e assim desenvolve sua teologia do mistério. Por isso, pode-se dizer que a introdução do termo grego tanto nos sinóticos quanto no epistolário paulino estão em profunda sintonia, visto que o ambiente teológico de ambos é praticamente o mesmo (Cerfaux, 2012, p. 485-497). Segundo Casel, o apóstolo Paulo:

Concebe o cristianismo, o Evangelho, como um “mistério”, não simplesmente no sentido de uma doutrina oculta do divino e cheia de arcanos (sentido que a mesma palavra havia assumido na filosofia do final da idade clássica), mas, ao contrário, mistério para ele é uma ação divina, o cumprimento de um eterno desígnio divino que se realiza por meio de uma ação que, procedendo da eternidade de Deus, se desdobra no tempo e no mundo e chega novamente ao seu fim no Deus eterno. Esse mistério pode ser expresso numa única palavra: Cristo (Casel, 1985, p. 35-36).

Em síntese, o “μυστήριον/mistério” é o conteúdo da revelação do eterno desígnio salvífico de Deus na obra redentora de Cristo (Abreu, 2023, p. 209), que Deus dá a conhecer aos seus (Ef 1,3-14). Na sua totalidade, o cumprimento e o desdobramento do “μυστήριον/mistério” (v. 9) realizam-se na história dos homens. Sobre essa questão, Schuler afirma que:

O *mysterion* é a história planejada em Deus, Criador do universo, por enquanto mantida em segredo, mas levada a efeito na plenitude dos tempos em Jesus Cristo. A história abrange, pois como *mysterion* de Deus a criação, a redenção e a consumação escatológica, sendo que estas duas últimas obras salvíficas já foram planejadas antes da criação do mundo, mas o Deus criador mantinha-as ocultas em si antes dos éonios (Schuler, 1977, p. 58).

Tal desdobramento revela um sujeito unido ao redentor. A existência e a missão desse sujeito são parte do “μυστήριον/mistério” de Deus: “Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular. Nele, bem articulado, todo edifício se ergue como santuário santo, no Senhor, e vós, também, nele sois co-edificados para serdes habitação de Deus, no Espírito” (Ef 2,20-22).

3. O mistério da Igreja

Ainda que Ef 2,20-22 não utilize a expressão “mistério da Igreja”, é notável que ela é apresentada como componente constitutivo do “μυστήριον/mistério” (Adriano, 2003, p. 24). De fato, a Igreja é “μυστήριον/mistério” porque “encontra origem e consumação no desígnio eterno de Deus. [...] Constituída em Jesus Cristo, foi realizada sobretudo mediante sua morte redentora e ressurreição. Depois foi manifestada como mistério de salvação mediante a efusão do Espírito Santo no dia de Pentecostes” (CEC 149).

A concepção de Igreja como comunidade de Cristo foi desenvolvida principalmente por Paulo (Kühn, 2004, p. 853). Apesar da noção de “Igreja” já existir antes da sua conversão, é fato que o apóstolo foi o primeiro autor a usá-la no sentido cristão em 1 Tessalonicenses (Penna, 2020, p. 22). Porém, também é fato que o termo grego “ἐκκλησία/Igreja” obteve outras compreensões antes de sua chegada no cânon neo-testamentário. O vocábulo é derivado da junção de *ek* (de fora, para fora) com o verbo *kaleō* (chamar, convocar) que dá à “ἐκκλησία/Igreja” o significado de assembleia ou congregação (O’Brien, 2008, p. 654), lembrando a ideia de um grupo reunido a partir de um chamado de fora (Penna, 2020, p. 18). O termo “ἐκκλησία/Igreja” pertence ao léxico da ordem política e designava a assembleia dos cidadãos plenos (livres) da *polis*, ou cidade-estado grega. Trata-se de um fenômeno político, de caráter funcional, no qual a “ἐκκλησία/Igreja” deliberava assuntos políticos e judiciais (O’Brien, 2008, p. 654). Portanto, a aplicação do termo com sentido religioso era desconhecida do mundo grego antigo, até a tradução dos LXX.

O termo “ἐκκλησία/Igreja” foi introduzido no mundo bíblico pela *Septuaginta* para traduzir o termo hebraico *qāhāl* (Elliger; Rudolph, 1997), de origem deuteronomista (Hackmann, 2013, p. 24), que indicava a assembleia cultural do povo de Israel (Penna, 2020, p. 21) convocada por Deus. Deste modo, o termo grego adquiriu sentido religioso e, posteriormente, foi herdado pela comunidade cristã. O vocábulo “ἐκκλησία/Igreja” aparece 114 vezes no Novo Testamento (De Gruyter, 1987, p. 586-589), com mais da metade das ocorrências somente na literatura paulina (62x), e com diversos contextos e variantes que atestam seu uso (plural “ἐκκλησίαι/Igrejas”) (O’Brien, 2008, p. 655). Trata-se de uma designação propriamente comunitária que, muito provavelmente, foi adotada pelos cristãos devido à necessidade de distinguir-se da sinagoga (Vitali, 2013, p. 73). Segundo Schmaus (p. 19-21), há três situações usuais de “ἐκκλησία/Igreja” no Novo Testamento: (a) indica a comunidade local (1Ts 1,1; 2,14; 1Cor 1,2; Gl 1,22 etc.); (b) a Igreja universal (Cl 1,18.24; Ef 1,22; 3,10.21; 5,23-25.27.29.32 etc.); c) a assembleia litúrgica (1Cor 11,18; 14,19). Tais situações são convergentes e pertencem à essência do sujeito “Igreja”.

Embora o sentido religioso de “ἐκκλησία/Igreja” tenha seu único paralelo na *Septuaginta*, o conceito paulino “Igreja de Deus” (1Cor 1,2; 10,32; 11,16.22; 2Cor 1,1; Gl 1,13; 2Ts 2,14 etc.) é original (Penna, 2020, p. 22) e ressalta a importância de que ela “seja descrita como pertencente àquele que lhe deu existência, ou seja, Deus, ou àquele por intermédio de quem isso aconteceu, a saber, Cristo” (O’Brien, 2008, p. 656). Com efeito, a Igreja é *de Deus em Cristo* (1Ts 2,14), ou é *de Cristo* (Rm 16,16), pois ele chama a todos para si a fim de constituir sua “ἐκκλησία/Igreja”. Aqui emerge uma característica fundamental da eclesiologia de Paulo, que é a ancoragem cristológica da Igreja:

Os cristãos formam uma comunidade por sua existência ‘em Cristo’. O batismo faz participar da morte e da ressurreição de Cristo (Rm 6), e essa pertença a Cristo retira as diferenças entre os homens [...]. Da mesma maneira, a ceia do Senhor nos dá parte (*koinônia*) no corpo e no sangue de Cristo, de sorte que os que assim participam de Cristo não formam mais que um só corpo: o ‘corpo de Cristo’ (Rm 12,5) (Kühn, 2004, p. 853-854).

De acordo com Paulo, a vida cristã é participação na vida de Cristo. Trata-se da nova realidade ontológica da pessoa que o aceita em sua existência, pois “Cristo vive em mim” (Gl 2,20), isto é, o ressuscitado transmite sua vida ao fiel, que passa a pertencer-lhe. Porém, a união com Cristo não tem conotação individualista, pois os princípios da unidade com ele derivam do batismo, da eucaristia e da caridade, por isso a participação na vida de Cristo só é real com a inserção no “σῶμα/corpo” da “ἐκκλησία/Igreja” (Ef 1,22-23). Certamente, o princípio fundante da eclesiologia de Paulo está no sintagma de sua autoria: “em Cristo” (Rm 8,1; Gl 1,22 etc.), com suas variantes “estar em Cristo” (2Cor 5,17) ou “ser em Cristo” (1Cor 6,17) (Cavaca, 2009, p. 117-118).

“Viver em Cristo” é o modo permanente que marca a relação do fiel com o Senhor. Vale lembrar que o Espírito, no qual Cristo foi ressuscitado, chama à fé e no batismo habilita o cristão a uma vida nova em virtude do mesmo Espírito, que une os fiéis e concede seus dons para a edificação da Igreja, e em tudo isso é reconhecido como o Espírito do Pai e do Filho (Hilberath, 2004, p. 67). Deste modo, compreende-se o pensamento de Käsemann (2003, p. 182), de que a eclesiologia de Paulo só pode ser entendida a partir de sua cristologia. Por certo, Cristo antecede, constitui e mantém sua “ἐκκλησία/Igreja”.

A relação entre “Χριστὸς/Cristo” e sua “ἐκκλησία/Igreja” é atestada em várias passagens do epistolário paulino, mas é exatamente na “carta do mistério”, ou seja, na Carta aos Efésios, que se encontra uma passagem referente a essa relação como “μυστήριον/mistério”.

4. Ef 5,32: o mistério da relação entre Cristo e sua Igreja

Por antonomásia, Efésios é chamada a “carta do mistério”, devido à quantidade de ocorrências do termo “μυστήριον/mistério” na carta (1,9; 3,3-4; 5,32; 6,19) (Granados, 2024, p. 1-24). A carta também é conhecida por algumas peculiaridades como, por exemplo, sua autoria. Apesar dessa questão ainda ser bastante discutida entre os estudiosos (Arnold, 2008, p. 423-426; Cothenet, 1995, p. 49-52; Fabris, 2001, p. 668-698), é fato que a maioria não considera a Carta aos Efésios como um escrito autenticamente paulino, atribuindo a autoria da carta a escritores posteriores, a escola paulina. Sem entrar em pormenores, “a comunidade científica está dividida, embora aqueles que apoiam a paternidade paulina duvidem muito mais do que aqueles que a negam” (Murphy-O’connor, 2003, p. 267). Trata-se do mesmo caso de Colossenses, de 2 Tessalonicenses e das Cartas Pastorais. Por isso, Efésios é considerada uma carta deuteropaulina, assim como Colossenses e 2 Tessalonicenses. Contudo, os pesquisadores alegam que, independentemente da autoria autêntica, tais cartas são profundamente inspiradas e dependentes da teologia de Paulo.

A “carta do mistério” também é conhecida pela sua paridade com Colossenses (Ar-

nold, 2008, p. 426-427; Hendriksen, 2004, p. 13-41). Sobre esse assunto, vale a pena destacar algumas temáticas decisivas para o presente estudo: Colossenses representa uma virada na eclesiologia, pois é a primeira vez que o termo “ἐκκλησία/Igreja” é usado com sentido universal (Cl 1,18,24); também é a primeira vez que Cristo é mencionado como “ἡ κεφαλὴ τοῦ σώματος τῆς ἐκκλησίας/a cabeça da Igreja, que é seu corpo” (Cl 1,18), distinção ausente nas cartas protopaulinas (1Cor 12,27; Rm 12,4-5) que descrevem o corpo de Cristo em outra perspectiva (Penna, 2020, p. 178). Tais temáticas também se encontram desenvolvidas em Efésios. A carta recorre à distinção entre “Χριστὸς/Cristo”, como “κεφαλὴ/cabeça”, e o “σῶμα/corpo”, que é a “ἐκκλησία/Igreja”, e sempre utiliza o termo “ἐκκλησία/Igreja” com sentido universal (Ef 1,22; 3,10,21; 5,23-25,27,29,32), sobretudo para expor a relação entre “Χριστὸς/Cristo” (esposo: ἀνὴρ) e a “ἐκκλησία/Igreja” (esposa: γυνή). Essa peculiaridade relacional é apresentada pela carta como “mistério”.

Quadro 1 – Texto grego e tradução portuguesa de Ef 5,32

Texto grego de Ef 5,32 (NA28) IÇÖES	Tradução portuguesa de Ef 5,32
τὸ μυστήριον τοῦτο μέγα ἐστίν· ἐγὼ δὲ λέγω εἰς Χριστὸν καὶ εἰς τὴν ἐκκλησίαν.	Este mistério é grande: eu, porém, digo em relação a Cristo e em relação à Igreja.

Fonte: texto grego de NA28 (NESTLE *et al.*, 212); tabela e tradução dos autores.

O texto em questão, do v. 32, está inserido no contexto da perícope de Ef 5,22-33, que aborda o tema “relação” fazendo um paralelo entre a união Cristo-Igreja e a união conjugal “ἀνὴρ/homem” e “γυνή/mulher”. O autor utiliza a distinção entre “κεφαλὴ/cabeça” e “σῶμα/corpo” para aplicar à relação conjugal, afirmando que “o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do corpo” (5,23). O escritor também aplica a novidade cristã ao substituir expressões habituais de submissão da esposa pelos conceitos de “amor”, “cuidado”, “respeito” e “confiança”. Evidentemente, o amor de “Χριστὸς/Cristo” por sua “ἐκκλησία/Igreja” deve ser o modelo de amor do marido (ἀνὴρ: homem) por sua esposa (γυνή: mulher) (Pereira; Santos, 2008, p. 246), ou seja, a relação do casal deve ser o reflexo da relação entre Cristo e sua Igreja (Pelletier, 2004, p. 356).

Mais do que definir o estilo das relações entre os esposos cristãos, o autor parece estar mais interessado em apresentar um discurso teológico sobre a relação entre “Χριστὸς/Cristo” e a “ἐκκλησία/Igreja” (Pereira; Santos, 2008, p. 246). Aqui desponta o aspecto cristológico-eclesiológico de Ef 5,32, que mostra tal relação como “μυστήριον/mistério”, que permaneceu escondido ao longo da história, mas agora é revelado:

Cristo compara a sua missão com as núpcias (Mt 25,1-13; 22,2-14); a pregação de Cristo é apresentada por João Batista (Jo 3,29) e por Cristo (Mt 9,15) como festa de casamento; por sua morte Cristo se entrega por sua esposa e a santifica (Ef 5,25-28), adquire-a com seu sangue (At 20,28); A Igreja nasceu do

lado aberto como Eva (esposa e mãe) de Adão. A figura da esposa exprime: aliança indissolúvel, comunidade de vida, imaculidade [*sic*]; dever de procurar sempre estar sem rugas e sem manchas; cuidado do Esposo pela esposa; amor mútuo, fidelidade; fecundidade (Kloppenburger, 1971, p. 41).

Com efeito, “o mistério cristão implica a consciência da Nova Aliança inaugurada pelo evento pascal e que deu origem à Igreja, *sponsa Christi*. O batismo faz entrar em tal comunidade e, ao mesmo tempo, a regenera como uma ‘Igreja toda gloriosa, santa e imaculada’ (5,23-27)” (Adriano, 2003, p. 21). Deste modo, é notável que a imagem da “ἐκκλησία/Igreja” como esposa de “Χριστὸς/Cristo” é central em Ef 5,32. A Bíblia de Jerusalém, em nota de rodapé (i), disserta que:

Pode-se dizer que Cristo é esposo da Igreja, porque é seu chefe e a ama como a seu próprio corpo, assim como acontece entre marido e mulher; essa comparação, uma vez admitida, fornece, por seu lado, um modelo ideal para o casamento humano. O simbolismo dessa imagem tem as suas raízes profundas no Antigo Testamento, que representa muitas vezes Israel como esposa de *Iahweh* (Os 1,2) (Bíblia [...], 2003, p. 2045-2046).

Paulo retoma por primeiro a imagem da esposa no Novo Testamento, aplicando-a à Igreja (2Cor 11,2). Jesus é o esposo que inaugurou o tempo da salvação messiânica, cujo ápice foi seu sacrifício como servo sofredor (Fabris, 1982, p. 220). A relação do “Χριστὸς/Cristo” esposo com a “ἐκκλησία/Igreja” esposa encontra em Ef 5,32 sua mais alta concepção teológica, pois é apresentada como “μυστήριον/mistério”. Na verdade, a Igreja-esposa não é uma mera imagem utilizada somente para ilustrar a referida relação, mas trata-se da realidade essencial do seu próprio ser e mistério. A relevância da Igreja-esposa está fundamentada no fato de ser uma imagem bíblica (desenvolvida pela tradição cristã), que confere à “ἐκκλησία/Igreja” uma realidade própria (expressão do seu ser), e que considera a união de Deus com os homens (finalidade última e central do mistério criador e redentor) (Pereira; Santos, 2008, p. 237-238).

5. Cristo e sua Igreja no Concílio Vaticano II (1962-1965)

Paulo utiliza diversas categorias e imagens para tratar da “ἐκκλησία/Igreja”: “povo de Deus” (Rm 9,25-26), “filhos de Deus” (Rm 8,14-17), “eleitos (Rm 8,33), “novo Israel” (Gl 6,16), “filhos de Abraão na fé” (Rm 4,16), “carta de Cristo” (2Cor 3,2-3), “oliveira” (Rm 11,16-24), “plantação e edifício de Deus” (1Cor 3,9), sua típica imagem do “corpo de Cristo” (1Cor 12,12-30), “esposa de Cristo” (Ef 5,22-33) etc. Na verdade, o Novo Testamento está repleto de várias categorias e imagens eclesiológicas (Pereira; Santos, 2008, p. 237) que influenciaram, principalmente, a teologia do primeiro milênio (Vitali, 2017, p. 21-60). Porém, o processo de institucionalização e hierarquização da Igreja (Vitali, 2013, p. 85-103), que culminou no segundo milênio (Vitali, 2017, p. 61-87), ofuscou o mistério expresso por tais imagens neotestamentárias, bem como o próprio conceito de “μυστήριον/mistério” (Antón, 1973, p. 40). A posterior virada, marcada

por um fértil período de redescobertas de temas bíblico-teológicos (retorno às fontes), atingiu seu apogeu no Concílio Vaticano II.

O Vaticano II também foi precedido pela vigorosa atuação de movimentos renovadores (Rousseau, 1965, p. 115-134), cujas contribuições prepararam o caminho para o maior evento eclesial do século XX. Dotados de intenso caráter teológico-pastoral, tais movimentos (bíblico, litúrgico, catequético, patrístico etc.) fomentaram a vida da Igreja no período pré-conciliar (Faggioli, 2013, p. 24-25), concedendo ao Concílio Vaticano II uma valiosa gama de redescobertas e reflexões teológicas. Um dos conceitos trazidos à tona, principalmente pelo movimento litúrgico, foi o de “mistério” (Casel, 1985). A reflexão sobre a “Igreja” (Ferreira, 2012, p. 51-79) também fez um “retorno às fontes”, redescobrimdo suas diversas categorias e imagens. Ao adotar a concepção paulina de “μυστήριον/mistério”, o Vaticano II, prontamente, evidenciou a relação entre Cristo e sua Igreja, mistério expresso sobretudo nas constituições conciliares.

O “μυστήριον/mistério” centrado em Jesus Cristo, e que abrange sua Páscoa como o ápice da ação salvífica de Deus, ecoa profundamente na constituição litúrgica (SC 5-8). O mistério pascal de Cristo, que “recapitula” toda a economia da salvação comunicada à Igreja nos sacramentos (Mireles, 2007, p. 44), é o fundamento e a chave interpretativa de todo o culto cristão (Sorci, 2004, p. 771). Em suma, na liturgia, que é a celebração *hic et nunc* (memorial) do mistério pascal, Cristo opera a salvação na Igreja (Rodrigues, 2017, p. 153). De fato, a *Sacrosanctum Concilium* compreende a liturgia celebrada pela “ἐκκλησία/Igreja” (SC 2) como uma etapa da história da salvação (SC 6).

A mediação salvífica operada por Cristo na ação litúrgica só é possível por que ele está presente na sua Igreja (SC 7), fato profundamente considerado pela constituição litúrgica para afirmar que a liturgia é “obra de Cristo sacerdote e do seu corpo, que é a Igreja” (SC 7), é “o exercício do ministério sacerdotal de Cristo” (SC 7) na sua “ἐκκλησία/Igreja”. Para explicar “tão grande obra”, a *Sacrosanctum Concilium* evoca a relação de Cristo e sua Igreja, recorrendo às imagens eclesiológicas do corpo de Cristo (cabeça e membros) e da esposa de Cristo, à qual ele invoca e associa a si para render culto ao Pai (SC 7).

A concepção de “ἐκκλησία/Igreja”, discernida pelo Concílio, também resgata o mistério da relação entre Cristo e sua Igreja. No primeiro capítulo da *Lumen Gentium*, intitulado “o mistério da Igreja”, o proêmio já destaca essa relação afirmando que “a Igreja é em Cristo como que o sacramento, ou sinal, e instrumento da íntima união com Deus” (LG 1). Com efeito, Cristo é sacramento fundamental, e a Igreja também é sacramento por que está unida indissoluvelmente a ele e assume essa dignidade (Almeida, 2004, p. 21). De modo admirável, a constituição descreve a origem e o fim da Igreja no Deus uno e trino, afirmando que ela foi “prefigurada já desde a origem do mundo e preparada admiravelmente na história do povo de Israel e na antiga aliança, foi fundada nos últimos tempos e manifestada pela efusão do Espírito, e será gloriosamente consumada no fim dos séculos” (LG 2).

Após apresentar a Igreja no horizonte do Pai (LG 2), do Filho (LG 3) e do Espírito Santo (LG 4), a *Lumen Gentium* conclui a inserção do mistério da Igreja no mistério da Trindade citando Cipriano: “Assim a Igreja toda aparece como o povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4). Vale lembrar que o conceito mistérico “povo” aparece amplamente desenvolvido no capítulo II da constituição com o tema “Povo de Deus”, tornando-se a categoria eclesiológica central para definir a Igreja

no Concílio Vaticano II (Abreu, 2021, p. 37). Além disso, o documento, principalmente no capítulo I, apresenta uma série de imagens bíblico-teológicas que expressam a realidade da Igreja em diversos aspectos místéricos, inclusive sua imagem como esposa de Cristo, a qual ele “amou e por ela se entregou a fim de a santificar (Ef 5,26), uniu-a a si em aliança indissolúvel, nutre-a e acalanta-a incessantemente (Ef 5,29); esposa que Jesus Cristo purificou e quis unida e sujeita a si no amor e na fidelidade (Ef 5,24)” (LG 6).

Na *Dei Verbum*, constituição que aborda a Revelação Divina, o mistério da relação entre Cristo e sua Igreja pode ser compreendido, na sua totalidade, da seguinte forma:

Jesus Cristo fez sua Igreja, comunidade dos que o acolhem e seguem a depositária desta Revelação. A missão precípua dessa Igreja é a transmissão desta Revelação plena. [...] O que Deus revelou encontra-se na Sagrada Tradição e na Sagrada Escritura, que constituem um só sagrado depósito da Palavra de Deus confiada à Igreja (Lopes, 2012, p. 39).

A *Gaudium et Spes*, com “tom dialógico” (Lopes, 2011, p. 14), dirige-se ao mundo com uma extraordinária atenção no ser humano, ao qual Cristo é apresentado como centro da fé cristã e imagem do homem novo (GS 22); nele ancorada, a Igreja se apresenta à sociedade refletindo a condição do ser humano no mundo atual, como também reconhece seu dever de interpretar os “sinais dos tempos” à luz do evangelho (GS 4). Essa disposição, constatada no conjunto do documento, é anunciada no proêmio, no qual o Concílio Vaticano II menciona o mistério da Igreja e Cristo, a quem ela está sempre associada:

Tendo investigado mais profundamente o mistério da Igreja, o Concílio Vaticano II não hesita agora em dirigir sua palavra, não já apenas aos filhos da Igreja e a quantos invocam o nome de Cristo, mas a todos os homens, e deseja expor-lhes o seu modo de conceber a presença e atividade da Igreja no mundo de hoje (GS 2).

Em suma, o Concílio Vaticano II, através do seu “retorno às fontes”, expressa o “μυστήριον/mistério” da relação entre Cristo e sua Igreja (Ef 5,32), concordando com o pensamento paulino de conceber a “ἐκκλησία/Igreja” a partir de Cristo. Com efeito, “ser esposa de Cristo é essencial à identidade da Igreja, fala-nos não somente da intimidade única que existe entre o Cristo e a Igreja, mas os esposais divinos implicam também, e inseparavelmente, nossa incorporação a Cristo pelo batismo” (Pereira; Santos, 2008, p. 251).

Conclusão

A Epístola aos Efésios é um dos escritos paulinos que representa a mais alta teologia do Novo Testamento. Direcionada aos destinatários que já tinham recebido o primeiro anúncio (*kerigma*), a “carta do mistério” é desenvolvida considerando dois sujeitos: Jesus Cristo e a Igreja. Ambos, e sua relação entre si, são tratados na condição de componentes do mistério. Todas essas temáticas se encontram sintetizadas em Ef 5,32:

“μυστήριον/mistério”, “Χριστὸς/Cristo” e a “ἐκκλησία/Igreja”. Ao tratar a relação de Cristo e sua Igreja como mistério, expressa principalmente na imagem esposo-esposa (ἄνερ-γυνή), o autor de Efésios não ignora a dimensão teocêntrica do plano salvífico do Pai (Ef 1,9) para todos os homens (1 Tm 2,4), visto que ele é a origem e o autor do mistério, revelado e realizado em Cristo, e que continua sendo operado na Igreja animada pelo Espírito.

De fato, conforme De Lubac (1967, p. 34), “a Igreja é um mistério, mas um mistério derivado. E mistério porque vem de Deus, está a serviço do seu desígnio, é organismo de salvação. E mistério porque se refere inteiramente a Cristo, não havendo existência, valor e eficácia sem Ele”. Ora, se a Igreja está a serviço do desígnio salvífico de Deus, o mistério da sua relação com Cristo (Ef 5,32) também diz respeito à sua missão no mundo. “Sacramento em Cristo” (LG 1), “instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1), “povo messiânico” (LG 9), “germe de unidade, de esperança e de salvação” (LG 9), “instrumento de redenção universal” (LG 9) etc. são expressões que definem a Igreja como continuadora da missão salvífica de Cristo. Tal ofício só é possível devido à sua relação com ele, “pois, por meio dele, nós temos acesso ao Pai num só Espírito” (Ef 2,18).

O “retorno às fontes”, realizado pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), possibilitou à Igreja a redescoberta mistérica da sua vocação. Desde então, atravessando muitos reveses na virada do milênio, a *aggiornata* Comunidade de salvação tem procurado perpetuar sua missão no veloz e complexo mundo moderno. Consciente da sua vocação e sempre unida a “Χριστὸς/Cristo”, seu esposo, a “ἐκκλησία/Igreja” anuncia o “μυστήριον/mistério” ao mundo, reúne os fiéis em “ἐκκλησία/assembleia”, incorporando-os ao seu “σῶμα/corpo” animado pelo Espírito, para que todos tenham acesso ao Pai, autor e origem de todo “μυστήριον/mistério”.

Referências bibliográficas

- ABREU, Ronny Santos. *Povo de Deus: a eclesiologia central do Vaticano II*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.
- ABREU, Ronny Santos. *Sacrosanctum Concilium e eclesiologia conciliar: por uma liturgia sinodal*. In: ASSOCIAÇÃO DOS LITURGISTAS DO BRASIL (org.). *Atualização Litúrgica 6*. São Paulo: Paulus, 2023. p. 197-228.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ed.). *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- ADRIANO, José. Sacramentologia Fundamental: do *Mysterion* ao *Sacramentum*. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 11, n. 45, p. 9-58, out./dez. 2003.
- ALMEIDA, Antonio José de. *Lumen Gentium: a transição necessária*. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 5-41, set./dez. 2004. DOI: <https://doi.org/10.46525/ret.v19i3.445>.
- ANTÓN, Angel. Lo sviluppo della dottrina sulla Chiesa nella teologia dal Vaticano I al Vaticano II. In: Facoltà Teologica dell'Italia Eettentrionale (ed.). *L'eclesiologia dal Vaticano I al Vaticano II*. Brescia: Queriniana, 1973. p. 27-86.
- ARNOLD, Clinton E. Efésios. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Ralph G. (org.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Paulus; Loyola: Vida Nova, 2008. p. 421-434.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

- BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique. Mistério Pascal. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (eds.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2015. p. 634-639.
- BORNKAMM, Günther. Mystérion. In: KITTEL, Gerhard. (ed.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Michigan: W. M. B. Eerdmans Publishing Company, 1974. p. 802-828.
- CASEL, Odo. *Il mistero del culto Cristiano*. Roma: Borla, 1985.
- CAVACA, Osmar. “Em Cristo”: o princípio fundante da eclesiologia paulina. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 17, n. 67, p. 117-138, abr./jun. 2009.
- CERFAUX, Lucien. *O cristão na teologia de Paulo*. São Paulo: Paulus: Academia Cristã, 2012.
- CIOLA, Nicola. Relação. In: MANCUSO, Vito (org.). *Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 651-653.
- COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2005.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*: sobre a Divina Revelação. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 347-367.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-193.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*: sobre a Sagrada Liturgia. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 33-79.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 539-661.
- COTHENET, Edouard. *As epístolas aos Colossenses e aos Efésios*. São Paulo: Paulus, 1995.
- DE GRUYTER, Walter. *Konkordanz zum Novum Testamentum Graece*. Berlim: Institut für Neuentestamentliche Textforschung und vom rechenzentrum der Universität Münster, 1987.
- DE LUBAC, Henri. *Paradoxe et Mystère de l'Église*. Paris: Aubier-Montaigne, 1967.
- DERREY, Nicolas. Mistério. In: LACOSTE, Jean-Yves (ed.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004. p. 1157-1161.
- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FABRIS, Rinaldo. *Matteo*. Roma: Borla, 1982.
- FABRIS, Rinaldo. *Paulo: o apóstolo dos gentios*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- FABRY, Heinz-Josef. Sôd. In: BOTTERWECK, Johannes G.; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef (eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Michigan: W. M. B. Eerdmans Publishing Company, 1974. p. 171-178.
- FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II: a luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FERREIRA, Antonio Luiz Catelan. Eclesiologia do Concílio Ecumênico Vaticano II: antecedentes históricos. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 27, n. 62, p. 51-79, maio/ago. 2012. DOI: <https://doi.org/10.46525/ret.v27i2>.
- GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- GONZAGA, Waldecir. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, jan./abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>.
- GONZAGA, Waldecir. *Compêndio do Cânon Bíblico: listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos*. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro: EdIPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

- GONZAGA, Waldecir; LIMA, André Pereira. A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7. In: GONZAGA, Waldecir et al. *Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 29-76. DOI: <https://doi.org/10.36592/9786554600835-01>.
- GONZAGA, Waldecir. *O Cânon Bíblico do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.
- GRANADOS, Juan Manuel. The Model of the Church as *μυστήριον*: Understanding *κεφαλή* and *σῶμα* in Eph 5:21-33. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 74, p. 1-24, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx74.mcue>.
- HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2013.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição de Efésios e Exposição de Filipenses*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*. Brescia: Queriniana, 1996.
- IMSCHOOT, Van. Mistério. In: DEN BORN, Adrianus van. (Ed.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 996-999.
- KÄSEMANN, Ernst. *Perspectivas paulinas*. São Paulo: Paulus, 2003.
- KASPER, Walter. *Teologia e Chiesa*. Brescia: Queriniana, 1989.
- KLOPPENBURG, Boaventura. *A eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- KÜHN, Ulrich. Igreja. In: LACOSTE, Jean-Yves (ed.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004. p. 852-865.
- LOPES, Geraldo. *Dei Verbum: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- LOPES, Geraldo. *Gaudium et Spes: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MIRELES, Francisco Escobar. A celebração do mistério de Cristo. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (org.). *Manual de Liturgia II*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 13-73.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Vita di Paolo*. Brécia: Paideia, 2003.
- NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (ed.). *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- O'BRIEN, Peter T. Igreja. In: HAWTHORNE, Gerald E.; MARTIN, Ralph P.; REID, Ralph G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Paulus: Loyola: Vida Nova, 2008. p. 654-664.
- PELLETIER, Anne-Marie. Casal. In: LACOSTE, Jean-Yves (ed.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004. p. 354-356.
- PENNA, Romano. *As primeiras comunidades cristãs: pessoas, tempos, lugares, formas e crenças*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- PENNA, Romano. Paulo de Tarso e os componentes gregos do seu pensamento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 31, p. 55-91, jan./abr. 2009. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.18333>.
- PEREIRA, Edson; SANTOS, Manoel Augusto. A esponsalidade de Cristo com a Igreja, *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 38, n. 160, p. 235-251, maio/ago. 2008.
- PEREIRA, Jerônimo. A *Sacrosanctum Concilium* e o mistério pascal como o centro da vida da Igreja. *Revista de Liturgia*, São Paulo, v. 50, n. 296, p. 4-11, mar./abr. 2023.
- RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert (ed.). *Septuaginta*. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

RODRIGUES, José Ribamar Ribeiro. Mistério Pascal de Cristo: salvação operada na liturgia e na vida. *Espaço Teológico*, São Paulo, v. 11, n. 19, p. 151-159, jan./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2017v11i19p151-159>.

ROUSSEAU, Olivier. A constituição no quadro dos movimentos renovadores de teologia e de pastoral das últimas décadas. In: BARAÚNA, Guilherme (org.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 115-134.

SCHMAUS, Michael. *A fé da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1978. Vol. IV.

SCHULTER, Raphael. Os sacramentos individuais: racemos do sacramento-raiz. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus (orgs.). *Mysterium Salutis*: compêndio de dogmática histórico-salvífica. A estrutura sacramental da Igreja. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 31-129. v. IV/4.

SORCI, Pietro. Mistério Pascal. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille Maria (orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 771-787.

VITALI, Dario. *Mater Ecclesia*. Roma: PUG, 2017.

VITALI, Dario. *Popolo di Dio*. Assisi: Cittadella, 2013.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS



Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
© 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica